

**Marcelo Ribeiro**

# **SEM MEDO DE FALAR**

**Relato de uma vítima de pedofilia**

**BRIL**

Copyright © 2014 by Marcelo Ribeiro

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

ASSESSORIA JURÍDICA Taís Gasparian — Rodrigues Barbosa, Mac Dowell de Figueiredo, Gasparian, Advogados

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

PREPARAÇÃO Graziela Marcolim

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Ribeiro, Marcelo

Sem medo de falar: Relato de uma vítima de pedofilia /  
Marcelo Ribeiro. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2014.

ISBN 978-85-65530-58-3

1. Adultos vítimas de abuso sexual quando crianças  
— Narrativas pessoais 2. Histórias de vida 3. Pedofilia  
4. Ribeiro, Marcelo I. Título.

14-01268

CDD-362.88

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Adultos vítimas de abuso sexual quando crianças :  
Problemas sociais 362.88

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.editoraparela.com.br](http://www.editoraparela.com.br)

[atendimentoao leitor@editoraparela.com.br](mailto:atendimentoao leitor@editoraparela.com.br)

# 1. Renascimento

FUI ABUSADO NA INFÂNCIA. Só quando consegui pronunciar essa frase para minha mulher, aos 42 anos, é que pude começar a viagem em busca de meu passado. Ele estava enterrado pelo sofrimento, pela vergonha e pelo medo de falar. O silêncio é o melhor amigo da pedofilia.

Não sofri um abuso apenas sexual — o que já seria muito. Também fui abusado moral e psicologicamente. Sofri violência física. Minha família foi induzida à mentira e aos subterfúgios que me afastaram de meus pais e meus irmãos. Quase perdi minha mulher, que é tudo para mim.

A história começa quando eu, ainda menino, comecei a cantar no coral da cidade onde morava com meus pais e meus seis irmãos. Nela também vivia quase toda minha família paterna: meus avós, vários tios, muitos primos. Minha avó tinha uma casa gostosa e aconchegante no centro da cidade. A qualquer hora do dia, a mesa da cozinha estava posta, com café fresco, biscoitinhos de polvilho, biscoito doce frito e açúcarado, queijo meia

cura e canudinhos de doce de leite. À tarde, era possível encontrar tios e primos se deliciando com os quitutes. Meu pai e alguns de meus tios aproveitavam a hora do café para dar uma fugidinha do trabalho e ir ao encontro de minha avó.

Nossa casa ficava na mesma rua onde moravam dois dos meus tios, o que nos tornava próximos de meus primos, com os quais também íamos para a escola todos os dias.

Meus parentes do lado materno moravam em outras cidades. Os pais da minha mãe viviam com uma tia em uma cidade bem ao norte de Minas; e o irmão dela morava perto de Belo Horizonte, com um primo e algumas primas queridas.

Tive uma infância de muito aprendizado e ótimo relacionamento social. Convivia com muitas crianças e me sentia amado e protegido. O fato de ter muitos irmãos me proporcionou a vivência em grupo, a necessidade de aprender a dividir e o respeito pelos outros, além da coragem para fazer valer os meus direitos. Adorava quando as roupas deixavam de servir nos meus irmãos mais velhos e se tornavam minhas roupas novas. Isso me fez valorizar menos o consumo e mais a experiência de vida.

Com muito esforço me levantei da cama do hotel naquele domingo. Tomei um banho. Precisava de muita água para lavar a alma. Chorando debaixo do chuveiro, tentava entender o absurdo da minha separação.

Na noite anterior, minha mulher e eu estávamos felizes olhando fotografias antigas. Uma das imagens despertou uma revolta incontrolável nela. Na fotografia, tirada na época do réveillon, estão um amigo, sua namorada e

eu. Após um Natal que havíamos passados juntos — quando ela ainda era adolescente, no final do nosso primeiro namoro — eu disse a ela de supetão que tinha uma viagem marcada para o dia seguinte. Ela não gostou, afinal tinha desistido de viajar com a família para passar as festas de fim de ano comigo. Mas, naquele tempo, eu era assim mesmo, decidia as coisas de uma hora para outra e pronto. Não dava satisfações a ninguém.

Quando minha mulher viu a foto, percebeu que aquela viagem com meu amigo e a namorada não era do tipo que se marca em cima da hora. Era uma viagem para a Alemanha, seguida de um cruzeiro. O tipo de viagem que se planeja com antecedência. De fato, eu havia planejado tudo com eles e não disse nada a ela. A descoberta da “traição” por meio de uma foto antiga, mesmo depois de tantos anos, reavivou parte dos sentimentos contraditórios dos tempos do nosso primeiro namoro, embora, na ocasião, já estivéssemos casados havia cinco anos. *Como pude voltar a me relacionar com um cara racista, preconceituoso, frio, arrogante, agressivo e que me fez sofrer tanto?*, ela se perguntava. Nesses momentos de angústia, ela me dizia que era difícil aceitar que estivéssemos juntos de novo.

Apesar dos meus esforços, minha mulher não estava convencida de que eu de fato mudara. Ela sempre me achou uma boa pessoa, de boa índole, mas sabia o quanto a convivência comigo era difícil. Eu transbordava com facilidade. Vivia dando ferroadas. Os amigos se afastaram, dizendo que ela estava namorando um “velho ranzinza”. Quando ela viu aquela foto, foi como se o fantasma do passado voltasse a viver. Ela não aguentou. Pediu que eu fosse embora de nossa casa. Uma sensação enorme de fracasso me tomou: então esse era o resultado de todas as minhas

tentativas de me tornar uma pessoa melhor? Como isso pôde acontecer, a despeito do meu amor por ela, reiterado dia após dia?

Fui para o banho sentindo o gosto amargo da derrota. O celular tocou. Saí correndo, ainda molhado, e atendi. Eu sabia que era ela. Ela chorava convulsivamente. Estava no carro, perdida em uma rua desconhecida. Não sabia aonde ir e não conseguia parar de chorar. Falando ao celular, nem me enxuguei direito, vesti a roupa, calcei os tênis e saí correndo atrás dela. Pedi que parasse num posto de gasolina e tentasse me descrever a sua localização. Em inacreditáveis doze minutos fui do extremo leste de São Paulo até quase o centro da cidade.

Senti um frio no estômago ao ver seu estado. Como eu, ela certamente passara a noite toda chorando. Durante o percurso de volta para a nossa casa, tentei acalmá-la com palavras doces. Ao mesmo tempo, me perguntava se haveria para nós alguma solução que não resultasse em mais sofrimento e frustração. Entramos em casa; a sensação era de que eu estivera longe dali por meses. Como uma única noite podia ser tão longa? Sentados no sofá, ficamos nos olhando sem saber o que dizer.

O escândalo dos sacerdotes que abusaram de crianças e adolescentes irrompeu nos Estados Unidos logo no início deste século. Depois se espalhou pelas igrejas de vários países europeus, principalmente na Irlanda, onde foram registrados milhares de casos de abusos. Lá, o escândalo foi imenso, talvez pelo fato de 80% da população ser católica. Uma série de relatórios publicados nos últimos anos revelou décadas de violência sexual, física e moral

cometida em instituições católicas irlandesas. O caso mais notório foi o de Marie Collins, abusada sexualmente desde os treze anos pelo capelão de um hospital, em Dublin, nos anos 1960. As investigações do governo revelaram uma centena de abusos cometidos ao longo de décadas em instituições religiosas (orfanatos, escolas e paróquias) envolvendo um cardeal.

Outro crime, talvez ainda maior, viria se somar aos abusos sexuais cometidos pelos sacerdotes: o silêncio que encobria os atos. Ao menor rumor — ou no caso de uma denúncia — alguns padres eram transferidos ou protegidos pelos prelados, em vez de serem punidos.

Nasci em 1965 numa pequena cidade histórica do interior de Minas Gerais, com ruas de pedra, casario e igrejas coloniais. De lá, se avista o pico do Itambé. Sua terra foi remexida pelos braços fortes dos negros, na época da extração de diamantes, um negócio destruidor mas rentável.

Eu tinha cabelos bem loiros e olhos verde-azulados como os de meu pai. Era o filho do meio, com dois irmãos e uma irmã mais velhos e três irmãs mais novas: uma verdadeira escadinha de irmãos. Tive uma infância muito tranquila e desfrutei das alegrias da vida simples numa família numerosa. Era um tempo em que corríamos no terreiro, jogávamos bola, brincávamos no parquinho.

“Fui abusado na infância”, disse a ela.

A perspectiva de uma nova separação, a possibilidade da ausência, pela segunda vez, da mulher que dava sentido à minha vida, a sombra do ser vazio que me tornei nos

anos em que fiquei longe dela — tudo isso afrouxou os nós das minhas resistências psicológicas e permitiu que emergisse o segredo que eu guardava havia tantos anos no fundo de um baú trancado a sete chaves.

Os olhos de minha mulher se encheram de lágrimas. Ela me deu um abraço forte e demorado. Senti todo o seu amor nesse abraço. Choramos mais, juntos. Não sei de onde veio a sua força, mas ela me olhou acolhedoramente e abriu um sorriso generoso — uma de suas características mais bonitas. Num segundo, parecia ter compreendido o segredo que eu escondia de mim mesmo, minha dor muda e represada por tanto tempo. Então, o inexplicável tornou-se explicável. Já não havia mais pergunta sem resposta.

Entre lágrimas, abraços e beijos, tentamos nos reconfortar. Pela primeira vez, minha alma se mostrava completamente para ela, transparente. Aos poucos, as palavras foram saindo espaçadas, soluçadas, engasgadas. Consegui contar a ela o mais importante. Falei dos abusos, da dominação, da obediência servil a que fui submetido.

Nos dias que seguiram, contei a ela detalhes daquilo que eu tinha resolvido esquecer. Revelei coisas que eram doloridas só de se pensar, e mais ainda de se contar para alguém que significava tanto para mim. Minha intimidade e minha integridade haviam sido violadas quando eu era pequeno demais para me defender, mas a confiança absoluta em minha mulher me deixava à vontade para falar sobre isso. Eram revelações humilhantes, mas que aos poucos me deixavam mais leve. Foi um recomeço, um renascimento. E o nome de minha mulher tem tudo a ver com o verbo “renascer”.

Não é fácil escrever sobre isso. Mais difícil foi ter vivido e, principalmente, sobrevivido. Levei três décadas —



com muitas reviravoltas — para entender que é necessário expor minhas memórias, meus sentimentos e minhas reflexões. Já estou há mais de cinco anos nesse processo.

Escrever este livro é parte da minha cura.

### **Bispos devem denunciar pedófilos à justiça, diz documento do Vaticano**

Em medida excepcional para enfrentar críticas às atitudes da Igreja católica diante de casos de pedofilia no clero, o Vaticano divulgou ontem, pela primeira vez, documento com recomendações para combater os crimes, até então fechados aos membros da Igreja.

Segundo o texto dirigido a todas as dioceses, que pode ser lido em inglês no site do Vaticano ([www.vaticano.va](http://www.vaticano.va)), qualquer denúncia de abuso sexual contra um menor por um padre deve ser investigada pela diocese local. Se as investigações indicarem a veracidade da denúncia, o caso deve ser levado a Congregação para a Doutrina da Fé (CDF) e também às autoridades civis.

O documento, curto e dividido em três partes, também informa que, nos casos em que as evidências sejam inegáveis ou nos que o réu foi julgado culpado pela Justiça, a CDF pode se dirigir diretamente ao papa, pedindo expulsão do sacerdote. A CDF também encaminha ao pontífice pedidos de dispensa solicitados por padres acusados de abuso.

Nos casos em que o acusado admitiu seus crimes e aceitou viver em oração e penitência, a CDF autoriza o bispo local a

publicar um decreto “proibindo ou restringindo” as atividades desses padres, continua o documento.

O escritório de imprensa da Santa Sé afirma que o texto é um resumo de outro documento interno, datado de 2003 e nunca divulgado. Ambos os documentos não têm valor formal para o direito canônico.

Vaticanistas estimam que o papa Bento XVI estuda a possibilidade de introduzir a pedofilia como um delito que não prescreve — atualmente o crime prescreve dez anos após a vítima completar dezoito anos.

*O Estado de S. Paulo*, 13/04/2010